



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SOURE
FACULDADE DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS E PORTUGUÊS

**CULTURA, IDENTIDADE E SURDEZ: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS
A PARTIR DE UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR.**

MARIA BENEDITA GOMES DA SILVA

SOURE-PARÁ

2015

MARIA BENEDITA GOMES DA SILVA

**CULTURA, IDENTIDADE E SURDEZ: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS
A PARTIR DE UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Licenciatura em Letras Libras e Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, na modalidade Artigo, como requisito para obtenção de crédito na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (68 horas).

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Maurício Fonseca de Azevedo.

Soare-Pará

2015

Cultura, Identidade e Surdez: Contribuições teóricas a partir de uma abordagem interdisciplinar.

Alexandre Mauricio Fonseca de Azevedo¹

Maria Benedita Gomes da Silva²

RESUMO: Este artigo apresenta uma discussão acerca dos processos de identificação de pessoas surdas em sua interface com a cultura. Para refletir sobre os fatores que, possivelmente, interferem na identidade surda, optou-se em desenvolver uma abordagem interdisciplinar, com ênfase nas áreas de Psicanálise e Antropologia. Na vertente teórica psicanalítica, especificamente sobre a compreensão ampliada de cultura, utilizou-se o texto *Mal Estar na Civilização* de Sigmund Freud; e para problematização dos aspectos gerais que interferem na identidade surda (na perspectiva de um sofrimento psíquico), tomamos como referência o conceito “sofrimento identitário”, debatido por Jaime Betts. Na vertente Antropológica, apresentamos, igualmente, considerações fundamentais sobre a cultura destacando então, sua perspectiva dinâmica. Como pressuposto de nossas reflexões sobre aquilo que se inscreve como suposto “sofrimento identitário” para os sujeitos surdos (uma vez que os surdos constituem minorias linguísticas, imersas em contextos sociais, cuja maioria é constituída de ouvintes), optou-se pelo trabalho de Pierre Bourdieu, qual seja, seu ensaio sobre a *economia das trocas linguísticas*, em que situa a língua, também, como fator essencial a sua interpretação sobre possíveis relações de dominação linguística. Por fim, apresentamos uma breve análise sobre as políticas públicas voltadas para a educação de surdos, cuja função que se pretende realçar, pode favorecer a integração social dos surdos à cultura.

Palavras-Chave: Cultura . Identidade . Surdez . Educação . Políticas Públicas.

¹ Professor Orientador do curso de Licenciatura Letras LIBRAS e Língua Portuguesa.

² Graduanda em Licenciatura Letras LIBRAS e Língua Portuguesa;

Email: mgsilva01@hotmail.com

ABSTRACT: This paper presents a discussion of the deaf identification processes in their interface with culture. To reflect on the factors, that possibly, influence to the deaf identity, it was decided to develop an interdisciplinary approach, with emphasis in the areas of Psychoanalysis and Anthropology. In psychoanalytic theoretical strand, specifically about the broader understanding of culture, we used from Sigmund Freud, the "Mal Estar na Civilização"; and to discuss the general aspects that affect the deaf identity (in the purpose of psychological distress), we refer the concept of "identity suffering" discussed by Jaime Betts. In the Anthropological part, we present, also, fundamental considerations about the culture highlighting then in a dynamic perspective. As assumption of our reflections on what we understand as suppose of "identity suffering" to the deaf subjects (since the deaf are linguistic minorities, immersed in social contexts where most of people are listeners), we opted for the debate with Pierre Bourdieu, specifically in his essay about "the economics of linguistic exchanges", in which is located the language, also, as an essential factor to its interpretation about the possibility of linguistic domination. Finally, we present a brief analysis of public policies for the education of the deaf, whose function we want to highlight as the social integration of the deaf in his culture.

Key-Words: Culture . Identity . Deaf . Education . Public Policys

INTRODUÇÃO

Pois o homem, o mais profundo do seu ser, depende da imagem de si mesmo que se forma na alma alheia, ainda que essa alma seja cretina.

Witold Gombrowicz

Outrem não pode ser separado da expressividade que o constitui. Nem mesmo quando consideramos o corpo do outro como objeto, e suas orelhas e seus olhos como apêndices anatômicos, os despojamos de toda expressividade, ainda que simplifiquemos até o extremo o mundo que expressam...

Gilles Deleuze

Este artigo disserta acerca dos processos de identificação de pessoas surdas na perspectiva de uma abordagem psicanalítica e antropológica sobre a cultura. A fim de problematizar os aspectos gerais sobre a identidade surda em sua interface com a cultura (considerando que a língua, também, constitui-se como artefato de nossa cultura, ou seja, algo que na cultura, o homem constrói), propomos uma reflexão sobre a possibilidade de “sofrimento identitário” de pessoas surdas, a partir da constatação de que sua expressão discursiva (que se constitui no modo de produção e circulação linguística da língua de sinais) no Brasil é comumente prejudicada pelo contexto linguístico imposto pela maioria constituída de ouvintes, cuja língua materna, prevalente, é o português.

A ideia de “sofrimento identitário” é tomada como referência à discussão psicanalítica proposta em BETTS (2012, p. 85) que fundamenta seus argumentos com base nas diferenças culturais a partir de seus estudos sobre os sofrimentos provocados por incidências subjetivas na perspectiva da interação entre as culturas. E para entender os possíveis “sofrimentos identitários” dos surdos, utilizou-se como eixo de análise as “condições sociais de possibilidade da produção e circulação linguísticas” (BOURDIEU, 1983, p. 04), uma vez que tais sujeitos deparam-se, cotidianamente, com situações que prejudicam sua comunicação, causando, portanto, problemas de expressão e compreensão

linguística em diferentes níveis que por vezes, os colocam em posição de submissão aos padrões impostos pela maioria de ouvintes.

“a língua dos gramáticos é um artefato que, universalmente imposto pelas instâncias de coerção linguísticas, tem uma eficácia social na medida em que funciona como norma, através da qual se exerce a dominação dos grupos. Detendo os meios para impô-la como legítima, os grupos detêm, ao mesmo tempo, o monopólio dos meios para delas se apropriarem” (BOURDIEU, 1983, p. 11).

Daí a compreensão de que a língua portuguesa, em nosso caso, pode constituir-se como um instrumento de coerção na medida em que se sobrepõe à língua de sinais compartilhada pelos surdos, uma vez que a língua oral se apresenta como via de comunicação padronizada, difundindo-se (através das instituições e de seus agentes) entre a população de ouvintes, e direcionado um saber comumente baseado na língua dominante: o português.

A fim de pensar a identidade dos surdos na cultura, em relação às condições ideais de produção e circulação linguística, há que se compreender a língua desses sujeitos como expressão viva de sinais linguísticos que se constituem como instrumentos prediletos, por meio dos quais, revelam sentimentos, desejos e emoções em busca de sentido a sua existência.

"As Línguas são convencionais, isto é, surgem de condições históricas, geográficas, econômicas e políticas determinadas, ou em outros termos, são fatos culturais. Uma vez constituída uma língua, ela se torna uma estrutura ou um sistema dotado de necessidade interna, passando a funcionar como se fosse algo natural, isto é, como algo possui suas leis e princípios próprios, independentes dos sujeitos falantes que a empregam." (CHAUI, 2002, p.140).

No sentido mais ampliado do termo cultura, a língua constitui-se fato cultural na medida em que esteja relacionada,

“a soma total de realizações e disposições pelas quais nossa vida se afasta da de nossos antepassados animais, sendo que tais realizações e disposições servem a dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações dos homens entre si” (FREUD, Sigmund, 2014, p.87).

Ou seja, à língua convergem todas as características e contextos sobre os quais os homens se mantêm unidos em torno dos vínculos de identidade que os agregam, no conjunto de suas relações sociais. Para que se configure a identidade de um grupo, é necessário que os indivíduos, quando compartilham dos mesmos propósitos, estejam ligados a um mesmo objetivo, ainda que tais objetivos se formem a partir de ideias contraditórias.

Além dos aspectos civilizatórios que nos diferenciam dos animais - evocados no sentido simbólico das realizações humanas -, elencados por Freud, vale ressaltar, que o termo, quando tomado em uma perspectiva antropológica, nos indica o caráter dinâmico das culturas, sujeitas às transformações sociais, pela (re) criação de padrões de comportamentos distintos, prevalentes em diferentes análises etnográficas em relação ao tempo e ao espaço sobre os quais elas são descritas. Daí a necessidade de se compreender a cultura brasileira, reconhecendo nela traços da diversidade cultural, que dão visibilidade aos aspectos que nos diferenciam uns dos outros, em diferentes perspectivas, inclusive no caso das diferenças que evocam “sofrimentos identitários” em pessoas surdas.

“A globalização em escala planetária coloca em evidência e acentua a questão do mal estar na cultura. Na interação entre culturas, na interação do “nós” com os “outros”- os estranhos estrangeiros - os mal entendidos culturais se multiplicam, cada qual defendendo o seu jeito “melhor e certo” de fazer as coisas, recorrendo a múltiplos mecanismos de exclusão social, inclusive os da higienização e “limpeza” étnica para se ver livre da alteridade incômoda. O etnocentrismo e o narcisismo se dão as mãos. Os conflitos interculturais, multiplicados pela mobilidade global, levantam a questão dos sofrimentos da identidade e diferença cultural. ”(BETTS, Jaime, 2012, p.85).

A propósito da formação social brasileira, nossa cultura é resultado do encontro de diferentes etnias, que se ramificam em processos histórico-sociais diferenciados. De nossas matrizes culturais formadas por negros, índios, europeus, e seus descendentes, reordenam-se diferentes misturas, dando origem à miscigenação que nos atribui traços culturais marcantes, que se reflete em comportamentos distintos, e realçam nossas singularidades a partir de diferentes processos de identificação, o que significa dizer que, a despeito de vivermos em um único país, formado por diferentes matrizes culturais, nos constituímos, hoje, como reflexo da reorganização de uma sociedade, em que, também, as minorias sociais ganham destaque, a exemplo dos surdos que se organizam em torno de suas reivindicações, inclusive de ordem linguística.

Portanto, a ideia de Cultura, quando evocada em uma perspectiva dinâmica, pode nos indicar a expressão sobre tudo aquilo que circula e produz mudanças na sociedade e,

igualmente, sobre as mudanças que esta mesma sociedade produz como representações de seus ideais. Por meio da Linguagem, o homem (re) constrói, permanentemente, os significados para a cultura na qual ele está inserido como seu principal protagonista. Vale ressaltar que na dinâmica das culturas, há que se considerar as representações sociais - que evocam uma determinada identidade -, como fenômenos que produzem um determinado significado histórico, em tempo e espaço específicos.

IDENTIDADE E SURDEZ

A fim de compreender as identidades dos homens nas culturas, as quais eles estão inseridos, há que se pressupor o termo cultura na perspectiva de sua pluralidade, pois as culturas apresentam particularidades que interferem no conjunto das relações que se travam no âmbito da vida social (sejam elas de ênfase política, tecnológica ou mesmo linguística), permitindo que diferentes grupos, ainda que compartilhem dos mesmos traços culturais, possam se diferenciar, também, pela via das identificações.

A fim de abordar o tema identidade e surdez, convém ressaltar os efeitos de representações estereotipadas de cunho linguístico na formação das identidades surdas, pois em alguns momentos significativos da história da educação de surdos, constatou-se um significativo prejuízo quanto à difusão de sua língua materna (característica visuo-motora), uma vez que a Língua de Sinais, durante um tempo considerável, foi afetada pelas políticas que privilegiavam a língua³ oral dominante e tal condição desfavorável restringiu o contato dos surdos com o meio social, formado na maioria por ouvintes.

Desta forma, podemos entender identidade, também como expressão da cultura. Intermediadas pela língua, as relações sociais passam por um processo dinâmico em que o sujeito depara-se, a todo o momento, com o “jogo dialético entre a semelhança e a diferença” (GRIMBERG & GRIMBERG apud OLIVEIRA, p. 36), indicando-nos, portanto, diferentes níveis de identificação entre os indivíduos de uma sociedade. A partir dessa lógica, os grupos aglomeram-se, constroem suas representações, definem novas características discursivas e

³ Em 1880, durante o Congresso de Milão, a educação de surdos passou a ser definida pelo modelo oralista, de caráter clínico-terapêutico, que destacava a surdez como uma anomalia que precisava ser reparada, tendo a língua na modalidade oral como objetivo principal a ser conseguido. Neste congresso os ouvintes definiram a língua oral como dominante e prevalente na educação de surdos enquanto as línguas de sinais deveriam ser erradicadas.

resituam sua identidade em uma perspectiva “virtual” (Goffman, 2012, p.11), criando padrões identificatórios que estigmatizam os grupos.

No caso dos sujeitos surdos, o risco de *sofrimento identitário* está intimamente ligado às representações “virtuais” que, assimiladas por um discurso ideológico dominante, impõe aos surdos um modo de produção e difusão linguística com características acentuadamente orais, o que suprime sua possibilidade de expressão na língua materna: a Língua de Sinais. Nesse sentido, a imposição de uma língua oral funciona como uma espécie de “continente discriminatório” que delimita, discrimina e consolida a identidade de seus membros. (GRIMBERG & GRIMBERG apud OLIVEIRA, p.35).

Talvez isso nos seja importante para explicar, o porquê que determinadas minorias sociais, a exemplo dos surdos, forjam seus próprios meios para proteger-se dos processos de descaracterização (impostos pelo discurso dominante), que os deixam vulneráveis às incidências subjetivas de um *sofrimento identitário*. Nesse particular, os Surdos são, comumente, confrontados com aspectos que se projetam nas estruturas sociais em diferentes níveis, e evocam nas pessoas surdas (ao modo como as percebemos) um certo mal estar diante das diferenças suscitadas pela linguagem.

Todavia, é importante ressaltar que ao longo dos tempos, outras minorias, como os homossexuais, negros, mulheres, trabalhadores de diferentes segmentos sociais, dentre outros, organizam-se em torno de diferentes formações identitárias, que podem ou não apresentar-se como bandeira política-ideológica em torno de uma demanda específica. Entretanto, há que se considerar nesse processo, uma estreita relação com as diferentes hierarquias, permitindo assim que se pense a condição das minorias, também, na perspectiva de um "sistema cultural dominante" (Leites, 2012, p. 29). No diálogo com outros autores, Marilena Leites explica:

A distribuição da cultura em camadas ao longo da estratificação social reproduz no campo cultural, a lógica da sociedade de classes. Assim certas formas de cultura dão mais prestígio e conferem mais cacife simbólico do que outras, num rebatimento da hierarquia que perpassa o universo social. (REIS, APUD LEITES, P.29).

No Brasil, entrevemos um paradoxo, pois as minorias tornaram-se “maiorias”, pois o problema da discriminação social não está relacionado apenas aos surdos (compreendidos como minorias linguísticas), mas está associado à exclusão de uma grande parcela da população que tem sofrido em decorrência de processos discriminatórios específicos, nem

sempre relacionado à língua, a cor da pele, ou à origem étnica, posto que as diferenças tornam-se, igualmente evidentes (e porque não dizer nefastas), quando se pensa nas desigualdades sociais geradas pela pobreza extrema que afeta a maioria da população brasileira, desprovida de oportunidades, e, portanto marginalizadas.

Todavia, é importante ressaltar que:

“em cada época e em cada local, os homens recorrem a diferentes usos das lembranças coletivas como forma de compreender ou justificar o presente. A memória funciona assim como um referente das identidades, pois é nela que estão guardadas as mais caras lembranças, é nela que se nutrem as redes sociais de sentido. É ela que faz reviver um passado que, presente em cada um, conduz escolhas e possibilidades de construção de um futuro”. (BULHÕES, 1996, p.90).

Atualmente, a representação sobre as identidades surdas vem passando por profundas transformações que, de modo geral ancoram-se em políticas públicas voltadas à afirmação social dos surdos que, passam a reivindicar o direito ao uso da língua de sinais em diferentes esferas da sociedade, buscam um acesso mais igualitário aos bens culturais e reafirmam suas diferenças no sentido de um convívio mais harmonioso com as suas raízes culturais.

"As discussões em torno da inclusão de deficientes, amplamente comentadas no campo da educação, ensejou a construção de um forte paradigma na atualidade tendo como referência a expressão 'educação inclusiva' e, especialmente, a partir do incremento dos debates sobre direitos humanos (após a segunda guerra mundial), passaram a influenciar as políticas que seriam implementadas em diversos países, voltadas para a defesa das minorias sociais marginalizadas" (AZEVEDO, 2014, p.50).

Nessa perspectiva, as condições de inserção dos surdos no meio social, e, portanto, ao meio cultural, tiveram um grande impulso a partir da implementação de um conjunto de políticas públicas que se amparam na legislação vigente⁴, e que possibilitaram aos surdos um novo exercício de cidadania, criando situações favoráveis à afirmação de suas identidades. Todavia, esse conjunto de leis não é determinante a sua inserção, pois as condições de produção e circulação linguística em que se submetem os surdos, não são homogêneas em relação ao que propala as leis; em muitos lugares, ainda se nota uma carência significativa de

⁴ Decreto 5626/05, Lei 10436/02

profissionais (educadores, intérpretes, dentre outros) que compartilham desse mesmo sistema linguístico. E por outro lado, as histórias individuais dos surdos em seu contexto familiar, são extremamente variadas. De qualquer modo, não podemos desconhecer a importante contribuição das políticas públicas para a criação de condições favoráveis à inclusão⁵ dos surdos.

Nessa ótica, a educação se destaca como fundamental à criação dessas melhores condições, haja vista que possibilita a construção de um novo discurso sobre as diferenças, na medida em que oportuniza ao sujeito, o reconhecimento de seu papel social diante das transformações de mundo que interferem na sua identidade particular. Podemos dizer assim, que não se deve restringir o alcance das políticas públicas a um mero conjunto de leis. É necessário que se aposte na formação integral do sujeito surdo, e isso requer que se pense em uma nova escola. Segundo Foucault:

A educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, é bem sabido que segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. (FOUCAULT, Michel. 2013 p.41)

A escola, antes considerada apenas como depósito cumulativo de conhecimentos (na maioria das vezes ligada ao avanço tecnológico e sua conseqüente influência sobre a economia de mercado), desatrelados da vida social e cultural dos sujeitos, agora passa a rever seu posicionamento, apostando em reflexões pedagógicas que visam incluir os sujeitos surdos a partir dos diferentes sentidos atrelados à cultura, ainda que se reflita de forma contraditória na vida do surdo, uma razão a mais para evitarmos o jargão tão difundido na educação de surdos: cultura surda. Convém ao contrário, pensarmos em “culturas” e “identidades”, se pretendemos entender os sujeitos surdos.

Desse modo, a educação precisa estar em sintonia permanente com as transformações culturais e a dinâmica da vida social impostas pela sociedade a fim de que não cometamos a

⁵ No contexto das políticas educacionais inclusivas, que foram recentemente implantadas com base na Constituição de 1988 (ant. 208, parágrafo III), que prevê “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” e na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que institui a modalidade de educação escolar voltada, preferencialmente, aos portadores de necessidades educacionais especializadas, o curso de Licenciatura em Letras LIBRAS e Língua Portuguesa propõe-se a formar profissionais capazes de atuar na Educação Especial em uma perspectiva bilíngue, dando especial destaque ao ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, como segunda língua para surdos.

injustiça de reproduzir, em nível da educação, uma organização social estratificada, e em sua decorrência, uma massa de excluídos.

Diante destas reflexões, sem pretensão nenhuma de esgotar o assunto, pretendemos abrir um debate sobre as identidades surdas como efeito da dinâmica na cultura. Daí, a importância de se discutir na esteira da educação inclusiva questões que também se relacionam à identidade de surdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Alexandre Mauricio Fonseca de. Crianças especiais na Ilha do Marajó: uma abordagem antropológica. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação (PPGCS), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, orientada pela Dra. Maria Angélica Motta-Maués. Universidade Federal do Pará, 2014.

BETTS, Jaime. Diferença cultural, sofrimentos identitários e a clínica psicanalítica hoje. Disponível em: http://www.sig.org.br/_files/uploads/image/Num_2_EmPauta2.pdf.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato. **Sociologia**. Traduzido por Paula Montero. São Paulo: Ática, 1983. reproduzido de Bourdieu, P. L'économie des échanges linguistique. *Langue Française*, 34, maio 1977.

BULHÕES, Maria Amélia; SOUSA, Edson (Org.) Identidade, uma memória a ser enfrentada. Porto Alegre: Artes e ofício, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Convite á filosofia. São Paulo: Editora Ática, 2002.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia. São Paulo: COSAC NAIFY, 2004.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso; tradução Laura Sampaio. São Paulo: Loyola 2013.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura; tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de janeiro: LTC, 2012.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. tradução NUNES, Márcia bandeira de Mello leite. Rio de janeiro LTC. 2012

LEITES, Marlene Hernandes: A questão da raça e da diferença: um olhar sobre outros olhares. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, Etnia, Estrutura Social. Ed. São Paulo, 1976.

